

07.) por RENATA BERENSTEIN DE AZEVEDO<sup>1</sup>  
POLIANA LIMA BICALHO<sup>2</sup>

# PETIZ:

## uma experiência de mediação cultural e infância

### PALAVRAS-CHAVE:

**ARTE. INFÂNCIA. FESTIVAL. MEDIAÇÃO CULTURAL. TEATRO.**

---

1. *Renata Berenstein de Azevedo* é diretora teatral, arte-educadora, psicóloga, produtora cultural e idealizadora e diretora do grupo teatral Os Insênicos.

2. *Poliana Lima Bicalho* é mediadora cultural, mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professora e produtora cultural.

## RESUMO:

O presente trabalho tem como propósito apresentar a experiência do Petiz – Festival de Arte para Infância e Juventude, um projeto bienal de mediação cultural, formação e difusão da produção artística (teatro, dança, música e circo) que ocorre na cidade de Salvador/BA. O Petiz tem como objetivo pautar a importância da educação do sensível para crianças e jovens, entre zero e 14 anos, sobretudo as oriundas da rede pública de ensino, discutindo o papel da arte na formação das identidades desses sujeitos. Desta forma, interessa-nos refletir sobre a garantia do direito à cultura como uma premissa fundamental para o desenvolvimento da criança e do jovem na contemporaneidade e, por isso, faz-se necessário criarmos uma rede de acesso físico e simbólico à produção artística. É preciso que pensemos na criança como uma categoria autônoma e busquemos investigar as suas relações com os diversos campos sociais, inclusive a cultura e a arte. Para tanto, o projeto é composto por diversas ações, tais como seminário, oficinas, visitas mediadas, Feira do Troca-Troca e mostra de espetáculos. A mediação teatral surge como pilar importante na construção metodológica do trabalho, dividido em três etapas: Sensibilização (pré-espetáculo), Apreciação (durante espetáculo) e Reverberação (pós-espetáculo). Todo esse percurso artístico-pedagógico visa criar conexões entre a obra artística e os públicos, na perspectiva de uma fruição autônoma e constitutiva da cidadania destes sujeitos. Por fim, verifica-se a urgência e a necessidade de ampliarmos projetos culturais que tenham como foco o diálogo entre criação artística, infância e juventude.

## Início do trilhar...

*"Nós somos feitos da matéria de que são feitos os sonhos"*  
(WILLIAM SHAKESPEARE)

Parece-nos pertinente iniciar esta escrita trazendo, em epígrafe, esta frase atemporal de William Shakespeare (1564-1616), com o objetivo simples e claro de aproximar o leitor à esfera do sensível sobre a experiência de concepção e execução do Petiz – Festival de Arte para Infância e Juventude, nos anos de 2016 e 2018, em Salvador/BA. As inquietações, os desejos e os sonhos são molas propulsoras que compõem nossa matéria e aqui se convertem, sobretudo, no fazer artístico e cultural dessa experiência.

O Petiz emerge no cenário cultural da cidade a partir da constatação da carência de um projeto cultural no formato de festival voltado para a infância e juventude e que contemplasse diferentes linguagens artísticas, tanto na perspectiva da formação, quanto da fruição, de forma sistemática.

Tendo como foco prioritário o público formado por pessoas de zero a 14 anos, foi, por meio da premiação no Edital Agitação Cultural – Dinamização em Espaços Culturais da Bahia, em 2015, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que o projeto conseguiu aporte financeiro para a realização de sua primeira edição. Desde então, o festival definiu-se com periodicidade bienal, tendo sua segunda edição realizada em 2018 por meio

também da contemplação, em 2016, do prêmio Dinamização em Espaços Culturais, da SECULT.

O Petiz, então, apresenta-se, desde a sua criação, como um festival realizado ao longo de um período de três a quatro meses, sendo constituído, em sua programação, por variadas e distintas ações, como seminários, oficinas artísticas, Feira do Troca-Troca, visitas mediadas ao edifício teatral e a mostra artística, com a participação de grupos baianos e nacionais.

A estrutura do festival é pensada a partir da concepção proposta por Barros (2013) ao destacar a mediação cultural como um processo de circulação de sentidos, que opera um percurso entre a esfera pública e o espaço singular, individual, constituindo-se como uma operação cognitiva, simbólica e informal. Assim, estabelece-se um caminho de ações que visa não apenas a facilitação do acesso físico e linguístico do espectador ao objeto artístico, mas também a construção simbólica da experiência artística na infância, entendendo-os como epicentro de uma rede formada por professores, artistas e familiares.

## Compreensão do campo...

O exercício crítico-reflexivo dessa escrita parte do entendimento sobre a infância. De acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança (1990), documento adotado pela

Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), a infância abrange indivíduos com idade entre zero e 18 anos, popularmente conhecidos como “menores de idade”. Observa-se, contudo, que os aspectos culturais e sociais que atravessam essa comunidade produzem diferentes entendimentos sobre a idade de inserção do sujeito nos campos político (direito ao voto) e jurídico (maioridade penal), fazendo esse recorte etário variar entre países e/ou comunidades.

A infância, com isso, coloca-se como uma categoria social para a qual se produz um regimento político e jurídico que garantem os seus direitos. A semelhança entre os sujeitos é definida por um recorte etário muito amplo, que abrange distintas formas de desenvolvimento físico, cognitivo e intelectual. Assim, pensar a infância é refletir sobre os elementos similares desse grupo, composto por meio de variadas distinções.

A DISTINÇÃO CONCEITUAL E TERMINOLÓGICA ENTRE INFÂNCIA, COMO CATEGORIA SOCIAL QUE ASSINALA OS ELEMENTOS DE HOMOGENEIDADE DESTE GRUPO MINORITÁRIO, E AS CRIANÇAS, COMO REFERENTES EMPÍRICOS CUJO CONHECIMENTO EXIGE A ATENÇÃO AOS FATORES DE DIFERENCIAÇÃO E DE HETEROGENEIDADE, AFIGURA-SE NÃO COMO UMA REDUNDÂNCIA OU UMA SUTILEZA ANALÍTICA, MAS COMO UMA NECESSIDADE INCONTORNÁVEL NA DEFINIÇÃO DE UM CAMPO DE ESTUDOS E DE INVESTIGAÇÃO. (PINTO; SARMENTO, 1997, P. 16)

Pinto e Sarmiento (1997) destacam que, a partir da década de 1990, os estudos sobre a criança ampliaram-se, deixando de ser restritivo ao discurso pedagógico, médico e psicológico. Curiosamente, a ampliação da pauta da infância na agenda política dá-se à medida que a população infantil diminui. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, 17% da população brasileira era constituída por meninos e meninas entre zero e 12 anos. A expectativa, entretanto, é que este número diminua e que represente apenas 15% da população brasileira, em 2060.

O olhar voltado para a criança permite identificar as singularidades dentro do coletivo, um saber que se constrói na relação direta com o sujeito, em que a criança aprende, mas também compartilha o seu saber. No campo da cultura, o estudo da sociologia da infância coopera para a ampliação da perspectiva de entendimento da infância nesta relação, implicando a produção simbólica desses sujeitos com seus contextos sociais e culturais. Nesta experiência, a criança é o epicentro das ações que principiam de um entendimento ampliado não sobre a infância, mas sobre as infâncias.

O Petiz atua neste entremeio, pesquisando as infâncias, desenvolvendo ações, conectando sujeitos e pautando questões, sendo um evento de características artísticas que possui como um de seus pilares o campo teórico-metodológico da mediação cultural. De um

lado, a criança como um importante impulsionador e disparador de questionamentos e reflexões e, do outro, o contexto da arte, desde o seu ensino até a produção artística. Para nós, a mediação cultural atua justamente nesta aproximação entre públicos e a produção simbólica.

A mediação cultural é um campo que se fortalece no Brasil para além da área das Artes Visuais, onde se consolidou inicialmente, inserindo-se também no contexto das Artes Cênicas. Barbosa e Coutinho (2009) fazem uma retrospectiva desse caminho, afirmando que as primeiras iniciativas no campo da mediação cultural em museus datam dos anos 50, no Rio de Janeiro/RJ, a partir do desenvolvimento do trabalho de Ecyla Castanheira e Sigríd Porto.

A PARTIR DA DÉCADA DE 1990, POR ESSES MOTIVOS OU POR MAIOR DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA SOCIAL, MUITOS MUSEUS CRIARAM SETORES EDUCACIONAIS. A ATENÇÃO DADA À EDUCAÇÃO NOS MUSEUS AUMENTOU QUANDO AS MEGAEXPOSIÇÕES PERMITIRAM DESCOBRIR QUE AS ESCOLAS SÃO O PÚBLICO MAIS NUMEROSO NESSES EVENTOS E, PORTANTO, INFLAM AS ESTATÍSTICAS E AJUDAM A MOSTRAR GRANDE NÚMERO DE VISITANTES AOS PATROCINADORES. (BARBOSA; COUTINHO, 2009, P. 17)

Mediante esta trajetória de práticas, poderíamos elencar exitosas experiências, mas, para além de fórmulas, a mediação cultural deve surgir implicada ao contexto, a partir de um processo de escuta. Aqui, aproximamos este campo teórico-metodológico com as artes da cena, tendo, ainda, a criança e seus sujeitos diretamente vinculados como públicos destinatários desta práxis.

No âmbito do Petiz, o campo da mediação é um ambiente de negociação no qual as trocas ocorrem entre os envolvidos em uma perspectiva de instauração de um espaço de reflexão crítico-reflexiva dos fenômenos culturais que também perpassa o lugar da geração de desejos, que, para existir, precisam passar pela experiência (BONDÍA, 2002). Desta forma, descreveremos as ações que constituem este projeto, com o propósito de fazer uma análise crítica que pretende ser impulsionadora da realização de outras práticas no campo da produção cultural.



## O realizar...

A compreensão da criança como indivíduo com direito ao acesso à cultura, não apenas como vivenciador, mas como produtor simbólico, é um entendimento chave na criação das ações do Petiz. Isto posto, a primeira etapa das ações do festival tem como público-alvo artistas e educadores e se dá por meio de um convite à reflexão e à construção de conhecimento através de compartilhamento de práticas.

O seminário Cultura, Infância e Juventude, já com três edições realizadas (2016, 2018 e 2019<sup>3</sup>), reúne professores das redes municipal e particular de ensino, além de artistas e pesquisadores na área, para partilha de experiências no campo da cultura, da arte e da educação. Nesta fase, desenvolvemos, comunitariamente, um diálogo sobre a importância da presença da arte na escola, mostrando possibilidades interdisciplinares de atuação, destacando a criança enquanto sujeito atravessado por questões sociais, cognitivas, raciais e de gênero. Para o educador e artista Alexandre Geisler (2019), *"O Petiz é um movimento sobre a cultura da infância, um espaço para a gente*

---

3. Em 2019, o Petiz desenvolveu as seguintes atividades: seminário (palestras e oficinas), oficina de mediação cultural, com Poliana Bicalho, e duas edições do Diálogo Petiz, com o Prof. Dr. Ney Wendell Oliveira.

*pensar e também propor mudanças na cultura local, que tem os olhos ainda pouco voltados para esta produção".*

A programação do seminário é pensada para a garantia de um espaço de fala tanto de educadores, compartilhando as práticas do ensino de artes nas escolas públicas da cidade, quanto de outros artistas, pedagogos, psicólogos e educadores, com práticas nos mais distintos espaços. Nas vivências compartilhadas durante as edições do seminário, por exemplo, foram relatadas experiências de ensino de teatro para crianças com deficiência auditiva, houve o anúncio da criação de uma série transmidiática<sup>4</sup> para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e se discutiu o espaço escolar a partir de práticas pedagógicas que tenham outras bases epistêmicas, numa perspectiva decolonial, visando a criação de outros padrões de subjetividades para as crianças brancas e negras.

As oficinas artísticas, voltadas também para pedagogos e professores de artes, caracterizam-se, por sua vez, como espaços experimentais de práticas voltadas para as infâncias, numa perspectiva de se reconectar com o seu *"eu infantil"*. *"Experienciar é penetrar no ambiente, é envolver-se total*

---

4. <http://eusouauts.com>

*e organicamente com ele. Isto significa envolvimento em todos os níveis: intelectual, físico e intuitivo*" (SPOLIN, 1979, p. 3). As oficinas buscam, assim, criar um território da experiência, com uma vivência transformadora capaz de fazer o professor/adulto sentir e compreender a potência das intervenções artísticas no campo das infâncias.

Deste modo, o lugar da experiência é como o norte para a escolha de oficinas, que, no que lhe dizem respeito, buscam ampliar os sentidos dos professores, expandindo o olhar, a escuta e o repertório de práticas lúdicas, no intuito de construir uma educação pelo sensível. Importantes artistas e pesquisadores já contribuíram neste espaço, como Laili Florez, com a oficina *"Sobre o erro e a alegria de ser quem é"* (2016), Lídia Hortélio e Maria Eugênia Millet, com a oficina *"Cultura da Infância: lembranças, experiência/BRINCAR e reflexões"* (2018), Patrícia Leitão, com *"Corpo e Memória"* (2019), Alexandre Geisler, com a oficina *"Brincando de virar o olho – memórias, afetos e histórias"* (2019) e Raidén Coelho, com a prática *"Do corpo ao digital: oficina de experimentação didático-musical"* (2019).

Após a etapa de aproximação com os educadores, é o contato com a família e as crianças que se coloca como a tônica na realização das ações do Petiz, e se promove a Feira do Troca-Troca, um espaço criado a partir do movimento do consumo consciente, estimulando a troca de objetos e livros em bom estado, em uma dinâmica de autonomia da própria criança.



PETIZ: uma experiência de mediação cultural e infância

Oficina pré-espetáculo / Petiz

**Foto:** João Rafael Neto



Seminário Petiz / Petiz

**Foto:** João Rafael Neto



Contaçon de história / Feira Troca-Troca

**Foto:** João Rafael Neto

Neste exercício, podemos vivenciar uma lógica criada pela criança que é diferente das práticas de consumo dos adultos: a lógica da troca é a do desejo, do diferente, do que é possível ser depois da troca.

O diferencial da Feira do Petiz é a garantia de atividades artísticas, tanto na perspectiva da vivência através de oficinas, quanto no ponto de vista da fruição, seja de cinema, exposição, contação de história ou música. Outro aspecto refere-se à concretização da atividade obrigatoriamente em um equipamento cultural: em 2016, no Palacete das Artes Rodin Bahia, e, em 2018, no foyer do Espaço Xisto Bahia e nas dependências da Diretoria de Audiovisual, integrantes do Complexo da Biblioteca Central do Estado da Bahia. *"Faz-se necessário compreender que o ato de 'abrir' um teatro é*

*uma atitude política de questionamento sobre as relações entre cultura e poder públicos e instituições culturais"* (BICALHO, 2019, p. 287). Acreditamos que o acesso a equipamentos culturais é um hábito que se constrói logo na primeira infância. Contudo, vivemos em um contexto em que o público infantil possui pouca programação ofertada de forma contínua com vias na geração de vínculos de afetividade. O equipamento cultural precisa ter reconhecida a sua potência artístico-pedagógica. (BICALHO, 2019)

As visitas mediadas são, por sua vez, um convite ao reconhecimento do espaço teatral, subvertendo as regras de uso e aproximando o público daquele aparato. As crianças realizam a visita, conduzidas por uma narrativa sobre a história mundial do teatro e daquele equipamento cultural, penetrando em seus espaços antes secretos.

IR AO TEATRO POSSIBILITA PROFESSORES E ALUNOS CONHECEREM O APARATO TÉCNICO DO TEATRO. VISITAS GUIADAS AOS BASTIDORES TÊM COMO OBJETIVO DESVENDAR SUA FUNÇÃO PARA OS ALUNOS. BILHETERIA, LEITURA DO PROGRAMA, CENOGRAFIA, REFLETORES, BAMBULINAS, COXIAS, CAMARINS, MESA DE SOM, MESA DE LUZ, ENTRE OUTROS, PODEM SER DEMONSTRADOS PARA AS CLASSES QUE VÊM AO TEATRO. (KOUDELA, 2010, P. 24-25)

Um aspecto importante desta ação é a experiência de percepção das crianças sobre a arte também como um campo de trabalho, permitida por meio da vivência da resignificação do próprio espaço. Elas descobrem que no teatro existe mais do que o ator/a atriz para que o fazer cênico ocorra. Entretanto, apesar de esta ser uma atividade comum em diversos edifícios teatrais, não é uma realidade comumente efetivada na cidade de Salvador/BA.



Visita Mediada ao Espaço Xisto Bahia /PETIZ / Foto: Giovani Rufino

Com isso, a última etapa do festival concretiza-se com a mostra artística como espaço de fruição para as infâncias e difusão

e intercâmbio para artistas de diferentes linguagens artísticas (teatro, dança, música e circo). Com duração entre 8 e 10 dias, o festival reúne espetáculos locais e nacionais, cuja curadoria é de responsabilidade de Ney Wendell (UQAM Canadá), Renata Berenstein (Petiz) e Maria Eugênia Millet (UFBA). Os diferentes percursos acadêmicos e artísticos destes profissionais possibilitam a formação de um coletivo heterogêneo, com o objetivo de criar uma programação diversificada tanto esteticamente, quanto de etapa geracional (idade do público fruidor). É a partir de uma aposta na arte como espaço-tempo de compartilhamento e de afetação que a curadoria busca criar uma programação voltada para a infância, respeitando suas etapas de desenvolvimento e, principalmente, estimulando novos caminhos, novas experiências e suas transformações.

Para esta etapa, mobilizamos um público expressivo de alunos da rede pública municipal para fruir os espetáculos. Nesta atividade, desenvolvemos instrumentos pedagógicos para o envio às instituições e realizamos atividades pré e pós-espetáculo. Os mediadores que atuaram sobretudo na edição de 2018 foram estimulados a criar propostas de sensibilização artística a partir do universo da obra que seria fruída pelos alunos, em diálogo com suas práticas artísticas e profissionais. Esta experiência foi extremamente profícua para que ocorresse um processo de autonomia dos mediadores, já que o festival também é um espaço de formação deste profissional.



## Nos encontros e desencontros deste caminhar...

Entendemos que a produção cultural da infância está para além do espaço institucionalizado da escola. Contudo, não podemos deixar de perceber que é o ambiente escolar, muitas vezes, a instância de aproximação da criança com o campo da produção artística. Neste sentido é que o trabalho de sensibilizar o educador é tão fundamental. Assim,

[...] DE UM ENSINO EXCLUSIVAMENTE VOLTADO PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES ARTÍSTICAS, ESTAMOS PASSANDO PARA UM ENSINO ARTICULADO EM QUE A ARTE COMO CONHECIMENTO, COMO EXPRESSÃO E CULTURA, DEVE SER CONSIDERADA EM SEU CONTEXTO DE ORIGEM E DE RECEPÇÃO, COM SUAS VINCULAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E POLÍTICAS. (COUTINHO, 2009, P. 173)

Nesta perspectiva, interessou-nos refletir sobre a presença da arte na educação básica e a criação de espaços formativos para estes profissionais, em uma perspectiva de atravessamento destes sujeitos.

Um segundo aspecto, que transversaliza as ações do Petiz,

é evidenciar a presença das crianças na cidade e nos equipamentos culturais. Na interação de seus corpos e pelo ato de brincar, a criança reinventa estes espaços, dando a eles outros significados. A experiência do Petiz revela-nos o quanto a circulação dos pequenos e pequenas nestes espaços é determinante para que se reconheça o lugar de cidadãos por eles ocupado, visto serem notórias a descontinuidade de ações voltadas para a infância e as definições ainda limitantes destes sujeitos, por vezes vistos como adultos incompletos.

A partir destas provocações, o Petiz apresenta como eixos de trabalho a difusão, a formação e, por conseguinte, a mediação cultural. Perrotti (2016, p. 7) sustenta que definir a mediação cultural ainda está em processo e que *"[...] podemos afirmar que, apesar de avanços significativos, já se trata de uma noção dotada de estabilidade, referindo-se a realidades e/ou fenômenos tomados num mesmo e preciso sentido"*. Neste seguimento, a mediação é um conceito balizar de todo encadeamento de atividades deste projeto cultural que entende a criança (e sua rede de afetos) como sujeitos ativos, provocadores, experimentadores. Isso certamente é um desafio para os produtores culturais, assim como para os artistas interessados em narrativas para as infâncias.

Por fim, nosso caminho converge para além de um compêndio de ações para a formação de consumidores e fruidores culturais: o trabalho desenvolvido no âmbito do Petiz entende a arte como lugar de encontro do coletivo, em uma perspectiva política e afetiva.

## Referências:

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. (Coleção Arte e Educação)

BARROS, José Márcio. Mediação, Formação, Educação: duas aproximações e algumas proposições. **Revista Observatório Itaú Cultural – OIC**, n. 15, dez. 2013/mai. 2014. São Paulo: Centro de Memória, Documentação e Referência Itaú Cultural, 2013, p. 8-16.

BICALHO, Poliana Lima. Mediação cultural e formação de espectadores: a atuação do edifício teatral como espaço artístico-pedagógico. In: KUARK, Giuliana; RATTES, Plínio; LEAL, Nathalia (Orgs). **Um lugar para os espaços culturais**: gestão, territórios, públicos e programação. Salvador: EDUFBA, 2019. (Coleção Cult)

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 11 nov. 2019.

**CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA**. Disponível em: <https://www.unric.org/html/portuguese/humanrights/Crianca.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de mediação e abordagem triangular. In: BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009. (Coleção Arte e Educação)

GEISLER, Alexandre. [Notas sobre o Petiz]. Salvador, 07 novembro 2019. Depoimento concedido à Poliana Bicalho.

KOUDELA, Ingrid Dormien. A ida ao teatro. **Programa Cultura é Currículo**. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://culturacurriculo.fde.sp.gov.br/Administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

PERROTTI, Edmir. **Mediação Cultural**: além dos procedimentos. In: SALCEDO, Diego Andres (Org). **Mediação cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Orgs). **As crianças**: contextos e identidades. Braga: CEC-Uminho, 1997.

QUINTO, Maria Ednéia Gonçalves; CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva. **Estado e políticas culturais para a infância**: qual é o lugar da criança? Jornada Internacional de Políticas Públicas – JOINPP/UFMA, VIII, 2017. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo5/estadoepoliticasculturaispa-raainfanciaqualeolugardacrianca.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

SHAKESPEARE, William. [1601] **A Tempestade**. Disponível em: <http://www.fatecjd.edu.br/clubedolivro/ebooks/A%20Tempestade-William%20Shakespeare.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. Tradução de Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 1979.

**“Nosso caminho converge para além de um compêndio de ações para a formação de consumidores e fruidores culturais: o trabalho desenvolvido no âmbito do Petiz entende a arte como lugar de encontro do coletivo, em uma perspectiva política e afetiva.”**



Apresentação / Petiz / **Foto:** João Rafael Neto